



## **METODOLOGIAS DE PESQUISA QUALITATIVA: observando as práticas espaciais dos sujeitos como processo de fragmentação**

**Renata Sakurai**

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente/SP

[hair\\_renata@hotmail.com](mailto:hair_renata@hotmail.com)

### 1 - INTRODUÇÃO

No trabalho em apreço, abordaremos algumas das possibilidades metodológicas da pesquisa qualitativa frente as transformações das relações sociais, marcadas mais recentemente, pelo uso da *internet*, que pode ou não aproximar sujeitos distantes no espaço. Em contraponto, associamos a isto a constatação de que as cidades têm sido impactadas, cada vez mais, pela segmentação dos espaços de consumo, numa tendência clara de fragmentação socioespacial (SPOSITO, 2013).

Deste modo, busca-se realizar uma avaliação de metodologias, especialmente a *netnografia*, através de sua aplicabilidade enquanto opção para a compreensão do papel das interações via *internet* na escolha dos espaços a se frequentar, tendo como recorte de estudo o município de São José do Rio Preto/SP.

Assim, pretende-se contribuir com o debate e avanço metodológico na pesquisa qualitativa em Geografia, compartilhando da crítica de Turra Neto (2012), quando assinala a recorrente despreocupação de parte expressiva de pesquisadores, que não têm conferido a devida atenção para as metodologias de pesquisa empregadas no campo. Visto isso vamos tratar a pesquisa qualitativa, destacando suas preocupações, seus usos e possibilidades para com a pesquisa científica e a posteriori, discorreremos acerca das diferentes opções metodológicas, como a observação participante, entrevista e a *netnografia*.

O trabalho apresentado integra-se ao projeto temático “Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo”, realizado na FCT-UNESP, no qual os estudos são direcionados no sentido de compreender a complexidade do atual processo de reestruturação do espaço urbano, observando o contexto frente as mudanças econômicas e sociais, que contribuem para novos quadros de interação social, tornando ainda mais complexas as práticas no campo do lazer e diversão noturna. Por este sentido, compreendemos que o tempo do lazer noturno, da

vida noturna ganhou formatos mais plurais e diversificados, acentuando as clivagens socioespaciais. Tal característica de múltiplos espaços de vida noturna era mais facilmente observado na metrópole, no entanto, o que chamamos atenção é que estes processos não estão restritos unicamente a estas cidades, o que demonstra um campo recente para as análises em cidades médias. Nesta perspectiva, a cidade média de São José do Rio Preto – SP, devido a sua tipologia urbana, exhibe redefinição de práticas espaciais de consumo com a emergência de diferentes áreas centrais, as quais interferem também na centralidade noturna, a partir da instalação de bares em espaços residenciais de alto status, participando do processo de fragmentação socioespacial.

## 2- PARA MELHOR ENTENDER A PESQUISA QUALITATIVA

Apresentamos aqui alguns apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e suas metodologias. Entendemos que a metodologia de pesquisa qualitativa, compreende:

[...] o exame do processo mesmo de *produção de conhecimento científico*. Avalia e reflete sobre a relação entre *teoria e empiria* e entre *sujeito e objeto* no processo. Reflete sobre os procedimentos operacionais da pesquisa, suas potencialidades e limites. (TURRA, NETO, 2012, p.1. grifos do autor)

Cabe destacar, de antemão, as distinções entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, discriminando-as, de acordo com Turra Neto (2012), não por questões valorativas – entre melhor ou pior opção metodológica à pesquisa geográfica -, mas pela natureza da informação.

Sobre as possibilidades proporcionada pela pesquisa qualitativa, Flick (2009) trata das contribuições para a compreensão das transformações das relações sociais, marcadas, principalmente nas últimas décadas pela crescente complexidade.

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões bibliográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (FLICK, 2009, p.20)

A pesquisa qualitativa serve justamente para entendermos as transformações da esfera da vida social, que é paulatinamente mais veloz e diversificada, não passíveis de quantificação e simples classificações. Pregando contínuo esforço de compreensão das mudanças nas relações sociais, Da Matta (1978) aponta que devemos “[...] transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico [...]”, (DA MATTA, 1978,

p.28), pois, cada dia mais os pesquisadores são inseridos em contextos novos e variados de esferas da vida, que são geradores de interesses e conflitos, tornando necessária a reflexão acadêmica sobre o processo de fazer pesquisa.

Entre as principais estratégias da pesquisa qualitativa, destacamos a observação participante, entrevistas e *netnografia*, sobre as quais vamos discorrer, mais detidamente, nos parágrafos do tópico seguinte.

### 3 – ALGUNS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA QUALITATIVA

Conforme apontamos, a pesquisa qualitativa é de interesse daqueles que se preocupam pelas transformações na esfera da vida social, posto que oferece um conjunto de estratégias à consecução da pesquisa, sendo pertinente também, para a análise dos sujeitos sociais e suas relações socioespaciais.

Para a tarefa da pesquisa com sujeitos, é fundamental o contato estreito e constante com a realidade que pretendemos estudar, para a realização de bons trabalhos de campo, que podem ser alicerces de sustentação de nossas teorias. Deste modo, a observação participante, entrevistas e a *netnografia*, nos garante o panorama dos objetos de estudo.

Nesta perspectiva, ao realizar o trabalho de campo junto com os sujeitos, o pesquisador, deve estar ciente de que o estranhamento entre ele *versus* grupo estudado é um sentimento comum. Mas a **Observação Participante** é um meio pelo qual o pesquisador pode interagir de forma menos hostil ao grupo. Esta metodologia pode ser entendida como:

[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (SCHWARTZ e SCHWARTZ apud CICOUREL, A, 1980, p 89).

Winkin (1998) argumenta que o tempo é crucial para a realização da observação participante, sugere que se deve realizar diversas idas e vindas ao campo, seja para negociar a entrada do pesquisador no grupo, ou para compreender sua dinâmica, seus padrões e territorialidades..Sendo assim, fica evidente que esta é uma metodologia em que o pesquisador relaciona-se com os sujeitos sociais, com suas experiências, vivências, contextos e relações, conhecendo a realidade destes sujeitos. No entanto,



Foote-White (1980) chama atenção para não naturalizarmos as atitudes do grupo, reproduzindo gestos, expressões, etc; porque as pessoas não esperam que o pesquisador seja igual ao grupo.

Esta metodologia, conforme argumenta May (2004)

[...] diz respeito ao engajamento na cena social, experienciando e procurando entendê-la e explicá-la. Escutando e vivenciando, as impressões são formadas e as teorias consideradas, refletidas, desenvolvidas e modificadas [...] a observação participante não é um método fácil de utilizar ou analisar [...] é um estudo disciplinado e sistemático, que, se bem realizado, auxilia muito no entendimento das ações humanas e traz consigo novas maneiras de ver o mundo social. (MAY, 2004, p.202)

Já a **entrevista**, assim como a observação participante é uma metodologia de cunho qualitativo e a técnica de entrevista, é o processo pelo qual produzimos os documentos orais, importantes dados para o desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, nossa base de principal, está fundamentada no texto de Colognese e Mélo (1998), os autores propõe apresentar os elementos da técnica da entrevista, para eles a entrevista pode ser entendida como:

um processo de interação social, no qual o entrevistado tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se aprender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo. Quer dizer, com a entrevista busca-se recolher certas informações concernentes a um objeto específico. Entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões. (COLOGNESE & MÉLO, 1998, p.143).

Thiollent (1980), nos lembra que sempre deve ter o controle metodológico quando estivermos trabalhando com as entrevistas, porque é a partir dela que coletamos as informações, os dados para o nosso trabalho e assim é travada uma comunicação entre o entrevistador e o entrevistado. Esta comunicação dos sujeitos sempre tem como plano de fundo o problema de pesquisa. Deste modo, entendemos a entrevista enquanto um processo de interação social. Thiollent (1980) vai dizer que esta interação entre os sujeitos cria um determinado condicionamento das respostas, uma vez que, os aspectos cognitivos, emotivos e psicológico tem grande influência na hora da entrevista, porque as relações entre o entrevistador e entrevistado, tem como base as características básicas como idade, profissão, sexo, raça, religião, que podem interferir na qualidade das respostas “interferem na percepção, na atitude, nas expectativas e nos motivos do outro”

(THIOLLENT, 1980, p.82). Assim, acreditamos que devemos levar em conta os seus posicionamentos ideológicos e políticos.

Nesta perspectiva, são estes fatores que irão diferenciar uma entrevista de outra. Isto revela que não importa o que o entrevistador faça, o discurso sempre terá atritos durante a situação de entrevista. Uma vez que, “não há possibilidade de, através de uma teoria, controlar e/ou eliminar os fatores perturbadores da entrevista e portanto, assegurar a realização de entrevistas sem distorções” (COLOGNESE & MÉLO, 1998, p.149). Na próxima seção, vamos fazer um exercício de uso da *netnografia*, voltada à nossa pesquisa sobre diversão noturna em São José do Rio Preto, como forma de experimentação das suas possibilidades e limitações

#### 4 – TEORIA E PRÁTICA: O USO METODOLÓGICO DA *NETNOGRAFIA* E AS EVIDÊNCIAS DA FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

Abordaremos agora a *netnografia* que, nos últimos anos, vem ganhando bastante força nos meios acadêmicos, como uma estratégia importante de acesso à um amplo conjunto de informações hoje disponíveis (ou que podem ser produzidas) *online*. Conforme Mercado (2012).

A etnografia virtual (HINE, 2000), conhecida como webnografia, ciberantropologia, netno-grafia, etnografia digital, dentre outras, estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes. Permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade. Estuda as experiências pessoais que emergem na comunicação mediada pelo computador, especialmente nos jogos de papéis (TURKLE, 1997) a partir das observações de campo e entrevistas em profundidade realizadas na internet. (MERCADO, 2012, p.169)

Mercado (2012), apoiado em Vergara (2002), argumenta que ao realizar os estudos de culturas, grupos, comunidades, a partir da interação entre homem e máquina (computador), estamos realizando um procedimento que não se distancia muito daqueles da etnografia tradicional. Assim, Gutierrez (2009) argumenta que,

se a etnografia sempre esteve relacionada com ir a algum lugar, no sentido literal da expressão, para observar e interagir, a netnografia ou etnografia virtual modifica a relação espaço temporal e apresenta um contexto que é mediado pelas ferramentas, pelos ambientes, pelas práticas construídas no ciberespaço. (GUITIERREZ (2009, p.10)

A etnografia possibilita a ida a determinado lugar e realizar uma imersão cultural e de valores, assim, como o avanço tecnológico da comunicação, que possibilita as



trocas de mensagens instantâneas entre os seus usuários com maior fluidez e em tempo real; modificando a movimentação dos sujeitos e suas relações com o espaço urbano. À vista disto chamamos atenção para a configuração que a cidade está sendo moldada, que a urbe não é estabelecida pela sua existência palpável e material, mas ela se determinaria a partir de fluxos dos sujeitos orientadas a partir das práticas espaciais, acionando assim o processo de fragmentação, ao escolherem determinados locais em detrimento de outros.

Assim, “a segregação, adjetivada como socioespacial, tem matrizes diversas em termos das dinâmicas de produção do espaço urbano, dos valores que a orientam, das práticas espaciais que a revelam e a redefinem, bem como das representações sociais que sobre ela se elaboram” (SPOSITO, 2013, p.80). Deste modo, a materialização das relações sociais sob o modo de produção capitalista se dá num espaço tido como mercadoria, que se estende à produção do espaço urbano, via propriedade privada (CARLOS, 2011), acarretando no aprofundamento da desigualdade e apreendendo a diferenciação socioespacial como negatividade (SPOSITO, 2014).

A tendência a fragmentação nas cidades, é parte de uma totalidade mais abrangente. Os meios de comunicação em massa reorientados pelas novas mídias digitais tais como *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, acabam tendo inúmeras influências entre os corpos dos sujeitos e nas formas de experiência urbana. Almeida e Tracy (2003) argumentam que com o advento da tecnologia a sociedade tecnológica indica uma outra configuração do espaço e tempo “produz fenômenos socioculturais complexos, provocando a alteração das nossas referências perceptivas, cognitivas e políticas.” (Almeida & Tracy, 2003, p.30). Por isso, um papel importante em nossa atual sociedade é aqueles destinados a exposição dos sujeitos nas redes sociais. Deste modo Rocha (2006), aponta para o fato que os meios de comunicação em massa ao propagarem os lugares frequentados, direcionam o modo e o jeito “correto” de consumir, seja o vestuário, alimentação, beleza, saúde, estilo de vida, transformam em diferentes esferas as vidas dos sujeitos, direcionando para um modelo ideal de consumo. Estamos falando que as ações e as postagens nestes veículos digitais transformam as subjetividades dos sujeitos nos aspectos atinentes ao “corpo”, “vestuário”, “alimentação”, “lazer” e “comportamento”. Por consequência deste modo, eles tem o poder de remodelar e

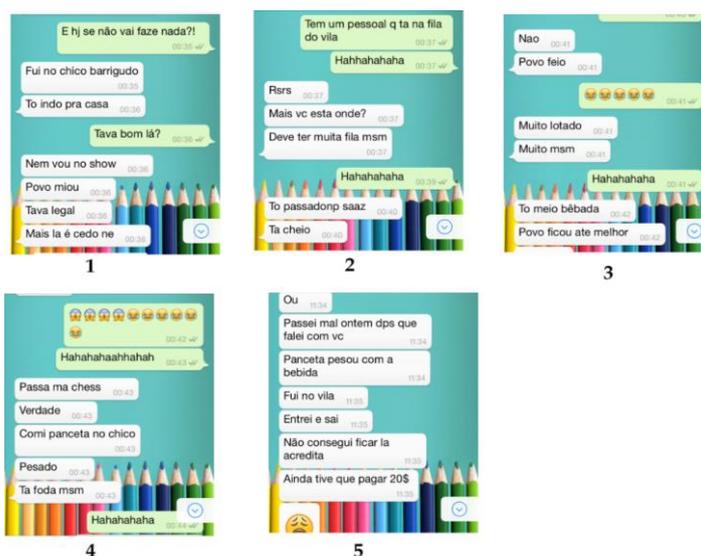
reprogramar os corpos e as vidas dos sujeitos no espaço urbano, porque são tidos como referências.

Assim, “A etnografia virtual se presta a investigação de um conjunto de objetos comunicacionais no âmbito da internet, como *blogs* e sites de redes sociais (SRS)” (MERCADO, 2012, p.173). Desse modo, entendemos que a etnografia virtual, explora o modo como os usuários interagem com a Internet e também como “as práticas que tornam os usos da internet significativos em contextos locais” (MERCADO, 2012, p.173.).

Diante do exposto, podemos dizer que a etnografia virtual, voltada aos estudos das redes sociais na Internet, pode ser um valioso instrumento de colaboração e de produção de conhecimento, por isto, é necessário que os pesquisadores tomem conhecimento desta nova metodologia e também dominem suas técnicas para aplicá-la e aumentar as ações e percepções sobre o mundo.

Ainda no campo dos meios de comunicação, temos os smartphones e seus aplicativos, que reorientam as práticas espaciais dos sujeitos a partir de trocas de mensagens e fotos instantâneas dos lugares que estão. Assim temos um nomadismo dos espaços na cidade, conforme apresentamos na figura 1, onde apresentamos uma conversa informal, no qual expõem as informações referente aos lugares de lazer e diversão noturna da cidade.

Figura 1: Nomadismo pela cidade



Fonte: Aplicativo Whatsapp, 2016.



É verdadeiro que o avanço tecnológico nos meios de comunicação, alterou e modificou-se, transformando as experiências culturais qualitativamente, diferenciando das pretéritas. Logo, o avanço da tecnologia proporcionou maior rapidez e fluidez das experiências sociais e subjetivas.

O mundo atual firmou-se por transformações que acarretaram nas diferentes práticas espaciais e nas diferentes experiências/vivenciadas do espaço urbano, distintas daquelas vividas anteriormente. “Além do mais a popularização das tecnologias virtuais introduziu a mobilidade em todos os planos da experiência. (...) Trata-se então, de pensar os padrões de sociabilidade e as arquiteturas subjetivas geradas em torno do deslocamento acelerado. (ALMEIDA & TRACY, 2003, p.33). Assim os meios de comunicação, as mídias digitais estabelecem novos padrões de práticas espaciais.

Dito isto, podemos pensar a *netnografia*

face de um meio geográfico de conteúdo técnico-científico informacional (Santos, 1996, p.190) de alto teor pragmático e utilitarista, os objetos alcançam extrema especialização e eficácia, submetendo, assim, o sujeito a uma ação cuja intencionalidade está para uma escala de origem que não a escala de impacto em que tal ação se desencadeia (ibid. p.121), “ação comandada de fora que leva a construir uma história através de práxis invertidas” (ibid. p.181). Inverte-se assim a trajetória dos investimentos intencionais. A intencionalidade encarnada na concretude e no conteúdo em informação do espaço impõe ao sujeito uma ação de igual teor pragmático, tornando possível manipular o agir humano. Diríamos que tal determinação tem por princípio básico a disposição programada dos objetos para antever e intervir na distribuição dos corpos, ensejando assim as formas matriciais do arranjo espacial. A informação é, neste sentido, embasada tanto pela localização do objeto como pela sua extrema carga de intencionalidade. (LIMA, 2013, p.4)

Com base no que foi argumentado por Lima (2014), entendemos que as redessociais exercem determinado poder de controle e localização dos corpos dos sujeitos estudados. A *netnografia*, ao trabalhar de forma coesa com a metodologia da observação participante, pode revelar as práticas espaciais dos sujeitos referentes ao lazer e a diversão noturna. Porque ainda que o pesquisador não consiga se inserir de fato com o grupo que pretende estudar, e participar de forma ativa de suas relações, via observação participante, a internet, a *netnografia*, pode revelar suas práticas, assim como apresentamos na Figura 2.

Figura 2 : *Netnografia* em campo

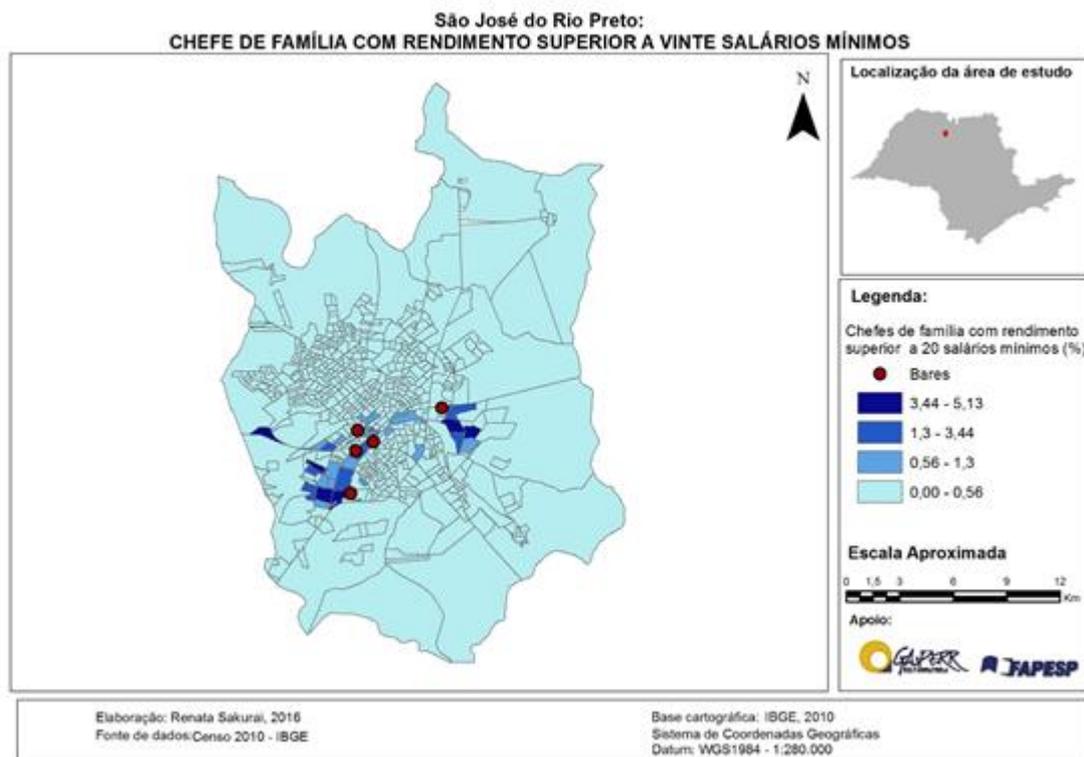


Fonte: *Instagram e Facebook*, 2016

Assim, o *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, formam novos elementos como fonte de dados para as pesquisas. Na figura 1, as práticas espaciais do sujeito giram em torno dos bares “Chico Barrigudo”, “SAAZ”, “CHESS”, e terminam em outro bar “Vila Dionísio”. Já na figura 2, temos o reforço dos bares citados na figura 1, e somados a eles temos o bar “SAMPA 27-28”, a partir do acompanhamento de suas redes sociais, via a *netnografia*, foram observados que tais bares são frequentemente citados em seus perfis.

A seguir na figura 3, apresentamos um mapa de inclusão e exclusão, a partir do rendimento do chefe da família onde é possível, observar, que a localização deste estabelecimentos citados acima, coincidem ou estão próximas as áreas que o rendimento de chefe de família é superior a 20 salários mínimos (Figura 3).

Figura 3: Chefe de Família com Rendimento Superior a Vinte Salários Mínimos



Na figura 3, observamos que as áreas de lazer e diversão noturna frequentadas pelos sujeitos aqui pesquisados, são aqueles cujo o rendimento é superior a vinte salários mínimos. Este panorama apresenta marcas da desigualdade, visto sob o primado da relação centro-periferia. No entanto, não podemos apenas analisar esta relação como uma unidade coesapois não podemos mais pensar a cidade como uma unidade espacial.

Chamamos atenção a este evento, que é um dos argumentos sustentados por Sposito (2014) em sua pesquisa argumenta que:

não há unidade espacial, porque a ação sobre o espaço e a sua apropriação são sempre parcelares, na cidade atual. Diferentes pessoas movimentam-se e apropriam-se do espaço urbano de modos que lhes são peculiares, segundo condições, interesses e escolhas que são individuais, mas que são também determinados historicamente, segundo diversas formas de segmentação: idade, perfil cultural, condições socioeconômicas, segmentação profissional, preferências de consumo de bens e serviços etc. (SPOSITO, 2014, p.134)

As dinâmicas analisadas ajudam a entender os processos de fragmentação, uma vez que cada vez mais os sujeitos consomem e habitam espaços homogêneos do ponto



de vista econômico e social. Todavia, a cidade não é mais uma unidade espacial, e cada vez mais, alguns sujeitos estão usando o espaço de forma mais seletiva e fragmentada, negando e escondendo as desigualdades e acirrando as diferenças.

Nesses termos, as diferenças se transmutam em desigualdades, enquanto as desigualdades, assim observadas, revelam as diferenças de poder de consumo ou de capacidade de decisão ou de possibilidade de apreensão do espaço. Em outras palavras, as desigualdades viram diferenças, porque uma parte da sociedade, de fato, no plano econômico, no político e no social, participa precariamente da vida urbana e da sociedade de consumo, ou participa de forma qualitativamente diferente, porque incompleta, e não apenas quantitativamente desigual” (SPOSITO, 2011, p.129)

Aceitando-se esses elementos como explicativos para compreender a realidade contemporânea, percebemos que, o processo de segregação socioespacial entra em segundo plano, para dar luz a um novo processo, o de fragmentação socioespacial, este não mais restrito apenas as metrópoles, pois, nas cidades médias, como no caso de São José do Rio Preto.

Verificamos que este processo está em formação, uma vez que o observado foi que os sujeitos estudados, e suas ações no espaço, são orientados a consumir a cidade em fragmentos, o consumo está dirigido a partes e pedaços da cidade, no qual criam isolamentos culturais, econômicos e sociais. Esta afirmação, contudo, não pode ser tão contundente, pois nossos dados não nos oferecem o conjunto das práticas espaciais dos sujeitos, mas tão somente aquelas ligadas à diversão noturna.

Diante do exposto esperamos que este artigo seja útil para que os pesquisadores não negligenciem as metodologias em seus trabalhos, pois, elas são o principal meio de ler a realidade, ainda que, conforme lembra Flick (2009, p.22), “a ciência não produz mais ‘verdades absolutas’, capazes de serem adotadas sem nenhuma crítica. Deste modo, o que apresentamos nesse artigo foram as metodologias da observação participante, entrevista e a *netnografia*, com o intuito de melhorar o embasamento nas pesquisas qualitativas, Bem como mostrar que as redes sociais conseguem “orientar” os corpos dos sujeitos no espaço urbano, guiando tendências de consumo e interpretadas sob o ponto de vista da fragmentação socioespacial.

## 5 – BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. I. M. de & TRACY, K. M. de A. *Noites nômades: espaços e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.



- CARLOS, A. F. A. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, p. 143 – 159, 1998.
- DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. de O. (org). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z.(org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 77-86
- GUTIERREZ, S. S. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Anais... Caxambu, 2009. Disponível em:<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf>.
- LIMA, E. L. de. O lugar do sujeito em A Natureza do Espaço de Milton Santos. *Revista de Geografia*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 1 - 8, 2013.
- MAY, T. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografiavirtual. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 13, nº 30, p. 169 – 183, setembro/dezembro 2012.
- ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, E [et al.]. (orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC – Rio: Mauad Ed, 2006. P.15-34.
- SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2014, p.123-146.



- SPOSITO. M.E.B. Segregação sócioespacial e centralidade urbana. In:  
VASCONCELOS. P. de A; CORRÊA. R. L; PINTALDI. S. M. (org) *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013, p.61-94.
- THIOLLENT, M. J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1980
- WINKIN, Y. Descer ao campo. In: \_\_\_\_\_. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 129 – 145.